

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente:

Coronel Roberto Rodrigues de Menezes

Vice-Presidente:

Tenente Coronel Paulo Roberto Bornhofen

Diretor Cultura Eventos:

Tenente Coronel Fredolino Antônio David

Secretário:

Major José Geraldo Rodrigues de Menezes

Tesoureiro:

Coronel Álvaro Maus

Bibliotecário:

Tenente Coronel Alexandre Corrêa Dutra

Conselho Fiscal:

Coronel Edmundo José de Bastos Júnior

Coronel Ib Silva

Tenente Coronel Francisco de Assis Vitovski

Capa/contracapa (criação): Adriana do Amaral Menezes Souza
(Maia Serviços e Tecnologia Ltda)

Redação e coordenação: Cel Roberto

Impressão: Editora e Gráfica Natal

Foto da capa: Fundação Cultural de Blumenau, 10-5-13.

Em pé, da esq p/ dir:

Cel Mocellin, Cap Schelavin, Maj Tasca, Maj Menezes, Cel Ib e Ten Cel Bornhofen. Sentados: Maj Edenice, Cel Oliveira, Cel Roberto, Ten Cel Vitovski e Ten Cel David.

Fundada em 1º de Outubro de 2012. Instalada em 25 de Outubro de 2012. Sede da Academia na Associação Barriga Verde dos Oficiais Militares Estaduais, Rua Lauro Linhares 1250, Trindade, Florianópolis, Santa Catarina, CEP 88036-002. Correspondência para o Presidente ou Secretário.

Academia de Letras dos Militares Estaduais.

Os mortos que viveram com dignidade sempre serão relembrados pelos vivos que cultuam a verdade. (Cel Antônio de Lara Ribas).

Este foi um dos relevantes motivos de escolha dos nossos patronos. Dignidade em todas as suas ações. Como tal, não deverão ser esquecidos, estes devotados guerreiros que deixaram as suas marcas de labor, entusiasmo, devotamento à causa, fidelidade enfim. E é assim que nós, membros efetivos, pautaremos nossas ações na Academia de Letras, para que ela se firme e seja reconhecida no contexto da cultura estadual.

Nossas corporações (Corpo de Bombeiros Militar e Polícia Militar) possuem um legado rico e vibrante, vultos de escol que as fizeram grandes, deram continuidade ao devotado labor em prol da gente catarinense e hoje se agigantam no panteão da História.

Que nossos antepassados de farda sejam sempre lembrados e reverenciados em nossos livros e discursos por seus feitos, como também aqueles esquecidos soldados da grei, colocados tão apropriadamente na bela letra que compõe a canção da PM. Todos fizeram a sua parte e nos entregaram duas corporações, uma mais que centenária, outra caminhando célere para o seu centenário, ambas merecedoras de nosso registro laudatório e da mais comovida consideração. Abrimos espaço também para patronos não militares, que tenham contribuído para a grandeza do Estado catarinense com suas ações e trabalho. José Arthur Boiteux e Jerônimo Coelho são dois exemplos exponenciais de vultos históricos dedicados a este nobre mister, sendo por isso escolhidos patronos das Cadeiras 20 e 21.

Por fim, concitamos todos os preclaros membros efetivos ao exemplar cumprimento de suas obrigações estatutárias, considerando o comprometimento e o labor literário como objetivos permanentes de nossas ações, bem como o intercâmbio com as academias e associações coirmãs.

Coronel Roberto Rodrigues de Menezes – Presidente.
roberto.rodrigues.menezes@gmail.com

Membros efetivos

(Acadêmicos)

Cadeira 1 — Coronel Edmundo José de Bastos Júnior
Cadeira 2 — Coronel Roberto Rodrigues de Menezes
Cadeira 3 — Tenente Coronel Paulo Roberto Bornhofen
Cadeira 4 — Tenente Coronel Fredolino Antônio David
Cadeira 5 — Major José Geraldo Rodrigues de Menezes
Cadeira 6 — Coronel Álvaro Maus
Cadeira 7 — Tenente Coronel Alexandre Corrêa Dutra
Cadeira 8 — Coronel Ib Silva
Cadeira 9 — Major Edenice da Cruz Fraga
Cadeira 10 — Coronel Nazareno Marcineiro
Cadeira 11 — Coronel Marcos de Oliveira
Cadeira 12 — Tenente Coronel Francisco de Assis Vitovski
Cadeira 13 — Coronel Marlon Jorge Teza
Cadeira 14 — Coronel Giovani de Paula
Cadeira 15 — Coronel Onir Mocellin
Cadeira 16 — Tenente Coronel Marcello Martinez Hipólito
Cadeira 17 — Tenente Coronel Altair Francisco Lacowicz
Cadeira 18 — Major Jorge Eduardo Tasca
Cadeira 19 — Capitão José Ivan Schelavin
Cadeira 20 — Tenente Coronel José Luiz Gonçalves da Silveira
Cadeira 21 — Soldado Edson Rosa Gomes da Silva

Patronos:

Cadeira 1 — Coronel Antônio de Lara Ribas
Cadeira 2 — Comendador Feliciano Nunes Pires
Cadeira 3 — Coronel Cantídio Quintino Régis
Cadeira 4 — Tenente Coronel João Elói Mendes
Cadeira 5 — Coronel Pedro Lopes Vieira
Cadeira 6 — Coronel João Cândido Alves Marinho
Cadeira 7 — 2º Tenente Waldemiro Ferraz de Jesus

Cadeira 8 — Major Ildefonso Juvenal da Silva
Cadeira 9 — Coronel Zinaldo José Ghisi
Cadeira 10 — Capitão Osmar Romão da Silva
Cadeira 11 — Coronel Ruy Stockler de Souza
Cadeira 12 — Tenente Coronel Januário de Assis Corte
Cadeira 13 — Coronel Mário Fernandes Guedes
Cadeira 14 — Coronel Theseu Domingos Muniz
Cadeira 15 — Coronel Carlos Hugo de Souza
Cadeira 16 — Coronel Roberto Kell
Cadeira 17 — Major Demerval Cordeiro
Cadeira 18 — Capitão Manoel Gomes
Cadeira 19 — Capitão Euclides de Castro
Cadeira 20 — Desembargador José Arthur Boiteux
Cadeira 21 — Brigadeiro Jerônimo Francisco Coelho



À esquerda o Coronel Theseu Domingos Muniz, patrono da Cadeira 14 da Academia, e o Capitão Osmar Romão da Silva, patrono da Cadeira 10.

DIÁRIO ACADÊMICO

2013

11 de abril — 20 horas — Biblioteca Municipal Barreiros Filho, no Estreito. Comemoração dos 15 anos do GPL, Grupo de Poetas Livres, com sessão solene presidida pela competente poetisa Maura Soares. Maura é batalhadora da cultura catarinense, presidente do GPL, secretária do IHGSC e membro efetivo da Academia Desterrense de Letras.



O presidente da Academia compareceu, mais a confrere Major Edenice e o marido Iratan. Parabéns ao GPL, criado a 13 de abril de 1998. Ainda nas comemorações do aniversário do GPL, o Presidente recebeu das mãos da poetisa Maria do Carmo Tridapalli Facchini, presidente da Academia de Letras de Nova Trento, a revista de cultura daquele município, Passatempoesia nº 6.

3 de maio — Neste dia a Academia obteve seu registro no 1º Ofício de Registro Civil, Títulos, Documentos e Pessoas Jurídicas de Florianópolis (Cartório Faria). Registrada sob o nº 34257 (Ata de Fundação e Estatuto), folha 78, Livro A-127. Protocolo 28058.

10 de maio — 20 horas — Sessão solene da Academia de Letras dos Militares Estaduais na Fundação Cultural de Blumenau, na rua XV



de Novembro 161, Centro. Antigo, bonito e bem conservado prédio, que foi a primeira sede da prefeitura da cidade. Panegírico do patrono da Cadeira 3 (Coronel Cantídio Quintino Régis), a cargo do Acadêmico Tenente Coronel Paulo Roberto Bornhofen, nosso vice-presidente. O presidente da Fundação, Dr. Sílvio Zimermann

Neto, sobrinho do saudoso coronel Guido Cardoso Zimermann, iniciou a solenidade com uma bela saudação. Oração acadêmica comemorativa aos 178 anos da PMSC feita pelo acadêmico Major

Jorge Eduardo Tasca. Após, jantar no restaurante Bier Vila, na Vila Germânica, a que compareceram 42 pessoas. Nesta noite foi distribuído para os acadêmicos o primeiro exemplar da revista semestral de cultura da Academia, O Clarim. Sem dúvida, um marco histórico. A sessão solene constou do convite oficial das comemorações do dia 5 de maio da Polícia Militar catarinense. Os acadêmicos agradecem ao anfitrião, Tenente Coronel Paulo Roberto Bornhofen, a acolhida amiga na bela Blumenau.

Nossa gratidão ao Dr. Sílvio Zimermann Neto, presidente da Fundação, e seu diretor Ricardo Pimenta, pela gentil cessão do histórico local para nossa sessão solene, como também à Banda Municipal da cidade, que abrilhantou este evento de cultura, tocando o Hino Nacional, o Hino do município de Blumenau e músicas populares.

Presenças igualmente ilustres da escritora Dorothy de Brito Steil, presidente da Academia Blumenauense de Letras, da escritora Terezinha Manczak, representando a Sociedade de Escritores de Blumenau, do Comandante da 7ª Região Policial Militar, coronel Álvaro Luís Alves, da jornalista Cristiane Soethe Zimermann (esposa do Dr. Sílvio), Presidente da Associação de Imprensa do Médio Vale do Itajaí, do Tenente Coronel Marcello Martinez Hipólito, que tomará posse em outubro na Academia, e do capitão músico Walfredo Raymundo Pinho e sua esposa. O Capitão Pinho é o autor da música da Canção da Academia.

Compareceram à solenidade os acadêmicos: major Edenice, major Menezes, tenente coronel David, tenente Coronel Mocellin, capitão Schelavin, major Tasca, tenente coronel Bornhofen, tenente coronel Vitovski, coronel Ib, coronel Roberto e coronel Marcos. É importante dizer que estavam também presentes nossas digníssimas e solidárias consortes. O mesmo vale para nossa confrereira.

16 de maio — Neste dia, através do escritório PACC (perícia, auditoria, contabilidade, consultoria), sítio à Rua Isaura Comichole Pires 39 — Capoeiras — Florianópolis, a Academia obteve o seu CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica).

Número de inscrição: 18.124.939/0001-23

16 de maio — 20 horas — Lançamento do livro **Vida de Caserna**, uma biografia do saudoso Coronel Francisco Antônio da Silva, na ABVO, Trindade, às vinte horas, pelo Acadêmico Major José Geraldo Rodrigues de Menezes, secretário da Academia. Mais uma obra de valor da nossa rica história institucional. O lançamento foi muito concorrido, sendo prestigiado por diversas autoridades e amigos: coronel Rogério Martins, Presidente da ABVO, vereador César Faria, Presidente da Câmara Municipal de Florianópolis, escritor e poeta Augusto Barbosa Coura Neto (das Academias de Letras de São José, Desterrense e São Pedro de Alcântara), oficiais da Ativa e da Reserva com suas esposas e familiares do biografado. Acadêmicos presentes: capitão Schelavin, tenente coronel Mocellin, coronel Nazareno, coronel Ib Silva, coronel Maus, major Menezes, tenente coronel David, coronel Edmundo e coronel Roberto. Depois da cerimônia, os familiares do coronel Francisco ofereceram um coquetel.

27 de maio — O presidente da Academia, a convite, participou das palestras deste dia, no Seminário Brasil/Portugal promovido pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (O papel dos agentes acadêmicos e culturais na perenidade das relações). Instituições representadas: Academia Portuguesa de História, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Centro de Estudos de História do Atlântico, Universidade de Lisboa, Universidade dos Açores, Universidade Federal da Bahia, UFSC e Univali.

28 de maio — 19 horas — A Academia Desterrense de Letras, na comemoração de seu aniversário de quinze anos, promoveu Sessão Solene na Câmara Municipal de Florianópolis para homenagear o professor Celestino Sachet (foto), da Academia Catarinense de Letras, com o prêmio Vilson Mendes de Literatura, premiação semelhante à Medalha de Mérito da Academia de Letras dos Militares Estaduais, para personalidade de destaque na área literária do Estado. Compareceu,



representando a Academia, o Secretário, Major Menezes. O presidente Coronel Roberto se fez presente, mas como membro efetivo daquela entidade de letras.

6 de junho — Em São Luiz do Maranhão, o Tenente Coronel Fredolino Antônio David, Diretor de Cultura e Eventos da Academia, proferiu palestra sobre Cerimonial para os membros do Colegiado do Comitê Nacional de Cerimonial e Protocolo.

13 de junho — 10 horas — Solenidade no Centro de Ensino do Corpo de Bombeiros Militar, na Trindade, Florianópolis,

comemorativa aos seus dez anos de emancipação. Promoção dos confrades Tenente Coronel BM Onir Mocellin ao posto de Coronel e do Major BM Alexandre Corrêa Dutra ao posto de Tenente Coronel. Solenidade presidida pelo confrade coronel BM Marcos de Oliveira, Comandante Geral daquela valorosa Corporação.

Compareceram os acadêmicos Cel Marcos, Cel Mocellin, Cel Nazareno (Cmt G da PMSC), Cel Maus, Cel Roberto e Tenente Coronel Corrêa. Presenças do Governador Raimundo Colombo e do Secretário de Segurança Pública Dr. César Augusto Grubba.

15 de junho — 17 horas — Sessão solene da Academia São José de Letras, no auditório do Centro de Apoio da Terceira Idade, na Praia Comprida, já que o Teatro Adolpho Mello, do Centro Histórico de São José, está em reformas. Tomaram

posse os novos acadêmicos Marcos Antônio Meira, Kátia Rebello e Roberto Pugliese. O Presidente da Academia de Letras dos Militares Estaduais, Coronel Roberto, que também é membro daquela

casa de letras, compareceu e fez a oração oficial de saudação aos novos acadêmicos.



Academia São José de Letras

21 de junho — 19 horas — Assembleia Geral Ordinária da Academia na ABVO, Trindade. Resoluções: Aprovação da Ata da reunião

anterior; escolha, por unanimidade, através indicação do Presidente, do escritor e poeta Artemio Zanon, da Academia Catarinense de Letras, Presidente da Academia São José de Letras e diretor geral da Academia Desterrense de Letras para premiação com a Medalha da Academia de 2013; outorga do título de Amigos da Academia à Associação Barriga Verde dos Oficiais Militares Estaduais e Associação Capitão Osmar Romão da Silva, Acors; sessão solene no Corpo de Bombeiros em Setembro, comemorativa ao aniversário de 87 anos, com data e local a serem definidos pelos acadêmicos daquela Corporação; sessão solene de posse dos novos acadêmicos e aniversário de um ano da Academia, no início de outubro, na ABVO, em data ainda a ser definida. Compareceram os seguintes acadêmicos: Cel Marlon, Tenente Coronel Bornhofen, Tenente Coronel David, Major Menezes, Coronel Maus, Tenente Coronel Corrêa, Coronel Ib, Major Edenice e Coronel Roberto.



26 de junho — 19 horas — Painel Literário na Academia Desterrense de Letras (patrônio Cruz e Sousa), no Centro Social Urbano do Saco dos Limões, Florianópolis, sobre a obra do escritor catarinense Celestino Sachet, da ACL. Este proferiu palestra, sendo mediadores os acadêmicos Artemio Zanon e Vilca Merízio. O Presidente da Academia esteve presente.

27 de junho — 19:30 horas — Reunião do GPL, Grupo de Poetas Livres, na Biblioteca Barreiros Filho do Estreito. O consagrado poeta



Alzemiro Lídio Vieira (foto), do GPL e das Academias Desterrense e São José de Letras, apresentou prévia de uma peça (monólogo) denominada A Retina da Alma, composta de poemas e cantilena do mais alto valor literário e artístico, de sua autoria. Cantilena são melodias suaves, líricas e repetitivas, os cantos tristes e

maviosos dos escravos. Foi aplaudido de pé. O presidente da Academia, a convite de Maura Soares, presidente do GPL, compareceu.

19 de julho – 19 horas na ABVO, Trindade - Assembleia Geral Extraordinária com pauta específica para eleição de mais dois novos membros efetivos, de acordo com Edital publicado em 25/6/2013. Os acadêmicos residentes no interior, Tenente Coronel Bornhofen, Tenente Coronel Vitovski, Coronel Marlon e capitão Schelavin votaram por correspondência, conforme preconiza o nosso Estatuto. Compareceram à Assembleia: Cel Maus, Cel Roberto, Cel Ib, Major Edenice, Major Menezes, Tenente Coronel David e Major Tasca. Foi eleito para ocupar a Cadeira 20 o Tenente Coronel José Luiz Gonçalves da Silveira, Comandante do 14º Batalhão de Polícia Militar de Jaraguá do Sul e para a Cadeira 21 o Soldado Edson Rosa Gomes da Silva, da Secretaria de Segurança Pública.



24 de julho – 20 horas - Lançamento do livro “Polícia Militar de Santa Catarina, origens e evolução”, do 1º Sargento Andrei Francisco Fernandes, da Casa Militar do Palácio do Governo, na ABVO, Trindade, Florianópolis. Evento prestigiado pelo coronel Rogério Martins, presidente da Associação, diversos oficiais e praças, além de familiares do autor. A chuva e o frio intenso não tiraram o brilho do lançamento. O 1º Sgt Andrei se dedica ao resgate da rica história da Polícia Militar, e começa sua trajetória cultural com brilho. Parabéns. Compareceram ao evento o Coronel Roberto Rodrigues de Menezes, Presidente da Academia, e o Tenente Coronel Paulo Roberto Bornhofen, vice-presidente. A obra tem o selo de prestígio da Editora Papa-livro.



27 de julho – O Boletim Informativo “O Trinta Réis” nº 70, da Academia São José de Letras, traz na página 33 uma homenagem à nossa Academia, colocando na íntegra a capa da revista de cultura “O Clarim” nº 1, com a foto dos membros fundadores. Nossa agradecimento ao presidente Artemio Zanon e aos nobres membros daquela relevante Casa de Letras.



25 de setembro – 20 horas na ABVO, Trindade – Sessão solene comemorativa aos 87 anos do Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina, que se celebra no dia 26 de setembro. Oração acadêmica feita pelo Coronel Marcos de Oliveira, Comandante Geral da Corporação, e panegírico do Patrono da Cadeira 7, 2º Tenente Waldemiro Ferraz de Jesus, realizado pelo acadêmico Tenente Coronel Alexandre Corrêa Dutra.



10 de outubro – 20 horas – Sessão solene de 1º Aniversário da Academia de Letras dos Militares Estaduais de Santa Catarina, no salão da ABVO, Trindade, Florianópolis. Na pauta oração acadêmica relativa à efeméride e boas vindas aos novos acadêmicos, a cargo do confrade coronel Álvaro Maus. Entrega da Medalha de Mérito Academia 2013 ao escritor e poeta Artemio Zanon e diplomas de Amigo da Academia à Associação Barriga Verde dos Oficiais Militares Estaduais (Presidente: Coronel Rogério Martins) e Associação Capitão Osmar Romão da Silva (Presidente: Coronel Fred Harry Schauffert).

Tomaram posse os novos acadêmicos Coronel Giovani de Paula, Tenente Coronel Marcello Martinez Hipólito, Tenente Coronel José Luiz Gonçalves da Silveira e o Soldado Edson Rosa Gomes da Silva. Convidado para o evento todo o universo literário da região da grande Florianópolis. Autoridades civis, policiais e bombeiros militares também se fizeram presentes. O aniversário de fundação ocorreu a 1º de outubro.

Correspondência recebida

1 - Considerações a respeito da Revista “O Clarim”, da Academia de Letras dos Militares Estaduais, de Maio de 2013.

O clarim toca a nota triste da melodia “Silêncio”, mundialmente conhecida. “O Clarim”, revista da Academia de Letras dos Militares Estaduais, toca a melodia daqueles que, através da literatura, expandirão suas contribuições intelectuais escritas, quem sabe, nas pausas das obrigações militares ou daqueles que já na Reserva,

observam a vida com mais calma, dedicam-se à pesquisa, história, vida na sociedade e, sobretudo, à poesia, esta arte sem fronteiras. Os sonetos de Roberto; o poema de José Geraldo; o poema de Edenice, homenageando o patrono do Colégio Militar e o pequeno trecho do poema de Álvaro, comprovam o que disse.

“O Clarim”, no seu primeiro número, traz importantes informações a respeito de vultos que já fazem parte da História. É o fórum para que os integrantes da Academia começem a tirar das gavetas suas preciosidades. A timidez de Álvaro poderá se desenvolver e fazer ressurgir nas páginas de “O Clarim” todo seu sentimento poético.

Fazer uma revista requer dedicação, amor pela causa e, sobretudo, paixão. Esta paixão, tenho certeza, meu caro coronel Roberto Rodrigues de Menezes, foi a que levou o *poetamigo* a editar “O Clarim”, um “O Clarim” mais elaborado do que aquele do tenente coronel Francisco de Assis Vitovski, como demonstra na sua crônica que é toda sentimento, toda saudade, mas tem o pássaro da manhã a lhe lembrar que nasce mais um dia; porém não menos importante, pois aquele “O Clarim” também foi feito com amor, com paixão.

Infelizmente seu trabalho ficou em sua lembrança, mas quem sabe, poderá ressurgir como a Fênix. Quem sabe um dia Vitovski encontre seus números perdidos. Se não encontrar aquele “O Clarim”, poderá neste, representativo de sua Academia, publicar seus relatos com a forma poética como faz neste primeiro número.



Este, caros amigos da ALMESC, é o primeiro passo para transformar “O Clarim” numa revista cultural em todos os sentidos, pois seu primeiro número já deu mostras disso.

Congratulações e que muitos outros números surjam para deleite daqueles que apreciam boa leitura e que têm interesse no resgate da história catarinense.

Professora Maura Soares.

Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

Academia Desterrense de Letras

Grupo de Poetas Livres

2 - O som do Clarim



Ouvir-se o toque de um clarim na alvorada nos dá prazer e também nos leva à nostalgia. Foi o que aconteceu comigo quando li “O CLARIM” Senti pesar pelo “sargento” Adelino; jamais ele se apresentaria como fantasma para assustar alguém. Um homem que galgou altos postos com muito amor e destemor não chegaria a isto. Mas o local me levou à saudade. Lembro-me bem, do lado direito do estádio, a Avenida Rio Branco. Casa só nas duas esquinas, com a Praça Getúlio Vargas e com a Rua Nereu Ramos. Em ambas uma residência de lavadeiras. Com a Praça, vizinha à residência da família Carvalho uma família de cor, com tanques e varais e ali a senhorinha Matilde Peixoto alugara um quarto e vivia feliz com seus bordados. Na esquina com a Nereu Ramos, outra família de cor cujo filho, o jovem Paulo Rosa, meu colega de escola, se formou em Educação Física. Não havia o então edifício do Batalhão.

À esquerda do estádio um alto muro onde se viam também altas palmeiras que ladeavam a Rua Durval Melquíades de Souza. Na pista, nós alunos do Instituto de Educação fazíamos nossos exercícios e muitas vezes, sentados à beira da pista, alguns soldados de folga soltavam piadas para as jovens de pernas grossas. Trocávamos roupa em uma pequena sala em cuja parede estava escrito MENS SANA IM CORPORE SANO (foi a saudade que doeu).

E os pássaros que trinaram na alvorada para o tenente coronel Vitovski, também trinam para mim nas árvores em frente à minha janela. Senti a dor do corneteiro ao tocar Silêncio para seu amigo que partira. Coração de ouro, dor profunda da saudade.

A foto de um corneteiro lembrou meu sogro, João Corrêa de Souza, um sergipano, músico da banda da PMSC, que cerrou fileira em Palmas para defender nosso Estado da invasão paulista.

Ah! Se o major Demerval Cordeiro visse os valentes soldados do fogo em 05-04 de 1994 e 19-08-2005, na luta para debelar o incêndio no Hospital de Caridade e no Mercado Público, tenho certeza que escreveria novamente lindas páginas de orgulho e louvor.

O Clarim soube muito bem dizer na poesia do coronel Roberto: A nobre espada que prezamos tanto, será pra sempre irmã do livro amigo, a encontrar nas páginas abrigo. E encontrará, com certeza.

E por que escreve o coronel Maus? É porque rabiscar é o seu universo, e é quando ele une o verso ao laço.

Muita gente que ocupa lugar de destaque na sociedade deveria por obrigação ler as lições de ceremonial passadas pelo tenente coronel David. Quanta falha, meu Deus, vê-se hoje em dia.

Parafraseando o major Menezes: *Viver plenamente, utopia, jazemos do mal indefesos.* Podemos, no entanto viver uma utopia positiva, feliz de bem com os momentos que a vida nos oferece.

E das citações sobre “nossa rica e esquecida mitologia” O tenente coronel Bornhofen nos leva a sonhar com os tempos escolares: Linda Terra Pindorama. AH!... Os versinhos, que saudade: Minha terra Pindorama, - de Palmares sempre em flor. - Quem os viu e não os ama – não tem alma nem amor (de Aquino Corrêa).

O Clarim clareou seu toque de louvor e silêncio tão belo no FELICIANIAR da major Edenice, felicianiando Feliciano.

Parabéns ao Clarim.

Escritora e poetisa Osmarina Maria de Souza

Da Associação de Cronistas, Poetas e Contistas Catarinenses e das Academias de Letras Desterrense, Biguaçú, Alcantarense e São José.

ARTIGOS ACADÊMICOS

SÃO AMARGAS AS RAÍZES DAS LETRAS; MAS SEUS FRUTOS SÃO DOCES.
(ARISTÓTELES)

1 - Uma pequena homenagem ao saudoso Coronel Carlos Hugo de Souza, patrono da Cadeira 15 da Academia.



Tenente Hugo, o cavalo Tijucano e o cachimbo. 1952.

Texto do Coronel Carlos Hugo de Souza (1931-2012), extraído do seu livro “Do laço húngaro às estrelas”.

Minha primeira transferência para o interior

Não foi ainda o que se poderia classificar como um *embarque*. Nesta época se estava ainda a salvo da politicalha. Acontece que ainda como aluno, visitei Canoinhas, onde residiam parentes. E lá me en amorei de uma bela da terra. Contra a vontade de meu pai, Coronel Ruy, pedi transferência. A idéia paterna era que continuasse estudando na capital. Com a sabedoria dos experientes falou: *Meu filho, nesse Brasil só vai pra frente quem tem um canudo debaixo do braço*. Mas eu queria aventura.

Parti com armas e bagagens num ônibus da Catarinense rumo a Joinville. Até Três Barras de trem, no comando o capitão Moré. Missão: ocupar o baita prédio destinado ao futuro batalhão, construção do Interventor Nereu Ramos. Capitão Moré apresentou o efetivo ao prefeito Benedito Terésio de Carvalho, ou seja, meu tio. Assumimos o comando como tenente. De Amarelo da Ilha (Manezinho da Ilha não existia), passamos ao pejorativo Barriga-verde, apelido ao serra abaixo, conferido pelo pessoal serra acima. No prédio destinado ao Batalhão sobrava espaço e faltavam móveis e utensílios. A bem da verdade, acantonamos.

Estávamos em 1952. Mobiliar, montar o quartel com o mínimo indispensável... uma naba! Mesmo com o prefeito sendo meu tio, não foi mole!

Tenente Pica-fumo, Cu de Ferro, Caxias, ou seja, tenente fresco ainda nas fraldas exauria todo ardor na pretensão de um comando enérgico, disciplinador, mesmo porque a soldadesca assim impunha. Segurávamos ao máximo os pedidos para os destacamentos. Dado o tamanho do quartel nos parecia uma incongruência meia dúzia de gatos pingados aquartelados. Queríamos tropa, comando (o velho ranço militar). Para os que pernoitavam como nós no quartel, alvorada às seis horas e expediente às oito. Inverno, geada branqueando os campos. Oito horas pessoal em forma. Uniforme de educação física, calção e camiseta para a instrução (os modernos abrigos nem pensar). Terminada a instrução todos para o chuveiro (frio, é claro). No primeiro guascaço d'água saía fumaça do pelo.

Cidade pacata, vida tranquila. Esporte: caça. Vida social um que outro baile ou um bate-coxa na Faustina, casa não mui recomendável para austeros íntegros comunitários, fato este talvez responsável pela pouca durabilidade do nosso romance, já meio combalido por ter sido o pai da eleita, de origem alemã, durante a guerra detido pelo DOPS, fato este somado a uma desastrada serenata.

Era então de bom tom oferecer à amada uma serenata no capricho. Na primeira conseguimos o tom mavioso da gaita de boca do nosso amigo Kozinho, e de empréstimo a garganta aveludada de um sargento cujo nome não me recordo.

Com o engrossar do inverno, para as madrugadas geladas nem mesmo o quentão entusiasmava os forasteiros. Entra em cena uma novidade: uma vitrola, daquelas de corda, manivela e disco oito polegadas. E também música romântica que agradasse não só a amada, como principalmente a sogra e o sogro. Em voga Violões em Seresta, Naquele bairro afastado, Luar do sertão, Beijinho Doce, Lua cor de prata, etc. Chico Alves, Nelson Gonçalves, Vicente Celestino... Por aí. Depois de umas e outras no Pérola, bar do Kozinho, madrugada apontando, geada comendo solta, aboletados na fubica do Seleme, partimos para a romântica batalha. Ao passar na frente da residência da distinta notamos luz ainda acesa. Resolvemos dar um tempo. Mais umas voltas e parada num boteco ainda aberto. O raio da fubica não fechava um vidro. Mesmo empacotados, o frio estava de lascar.

Passado algum tempo, vitrola em cima do capô, acionada a corda e escolhido o disco, soltamos a agulha e entramos no carro, deixando por conta da engenhoca os esperados acordes. Uma bosta! Ao invés da suave e meiga voz, um grunhido e um *chiaço*. Casa de dois pavimentos. Abre-se a janela e lá de cima o berro: *Vão trabalhar, seus vagabundos! Não têm mais o que fazer?*...

O frio intenso deveria ter congelado ou engrossado o óleo do eixo da vitrola, modificando a rotação. Dia seguinte, cidade pequena, o tenente na berlinda, gozação solta.

O Capitão Jubal Coutinho tinha assumido o comando há semanas. Muito bonzinho, mas um baita dum puxa-saco. Melífluo, nos chama ao comando. A insinuação por ínrios caminhos deixava bem claro que não agradava a ele, Comandante, o ridículo de um oficial misturar-se aos tais seresteiros, uma horda de baderneiros noctívagos. Já meio queimado, respondemos que a vida particular era de nossa inteira responsabilidade e que íamos bem, graças a Deus!... Era o primeiro petardo na já combalida relação entre Comando e Sub. O segundo, em cheio no paiol de pólvora.

A engronha toda começou na semana da pátria. Com a banda puxaríamos o desfile, eu no comando. Fomos chamados ao gabinete.

— Ô meu tenente, começou o capitão enrolando um palheiro. — Como Vossa senhoria deve saber, o prefeito da cidade representa nosso chefe supremo, sua excelência o governador. Assim sendo, no dia sete de setembro ele passará em revista a tropa. Na ocasião, gostaria que o tenente ordenasse toque de apresentar armas, uma justa homenagem ao chefe do município.

— Meu comandante, justo até pode, mas o senhor sabe melhor do que eu que não é regulamentar. Apresentar armas só ao chefe supremo ou autoridades militares...

— Sei, sei, sei. Mas como comandante insisto na homenagem. Acho merecida a quem nos tem atendido...

— Comandante, salvo melhor juízo, não acho que ficaria bem. Se tiver alguma autoridade, ou mesmo algum elemento do Exército presente, vai ficar mal.

Pigarreou, passou a língua pelo palheiro... Replicou seco — Tudo bem, esqueça. Pode se retirar!

Senti o cutucão. Meu digno comandante não deixaria por menos.

Dito e feito. Dias depois estava comemorando, fardado, junto aos amigos no bar do Kozinho. Entre uns e outros aperitivos, rabo de galos e outros bichos, chega o comandante, sem entrar, à porta do bar. Da porta, faz um aceno de dedo me chamando...

Não é preciso mencionar que no outro dia a 4^a parte, Justiça e Disciplina, cantou bonito. Quatro dias de prisão.

Preso, sem namorada, sem companheiro de farda. Solito, resolvi festejar. Um garrafão de vinho, costela gorda, um viola. Fogueira aquecendo a noite, toada violeira alegrando. Como convidados os elementos de folga, moradores do quartel. E assim estávamos no bem bom do churrasco, quando o cabo chamou a atenção indicando que o capitão passava ao largo, à frente do quartel, como quem não quer nada. Dia seguinte a ladainha:

— Recebi informações que o senhor ontem à noite se achava em promiscuidade com seus subalternos de serviço, comendo, bebendo e tocando violão no recinto do quartel...

Dois dias depois o radiograma: Apresente-se urgente dentro de quarenta e oito horas comando Joaçaba pt. Preso quarenta e oito horas pt.

E dessa forma não muito honrosa, lá fomos nós de armas e bagagens para Joaçaba.

(O Coronel Hugo viveu sempre aventureiramente. Serenatas, esgrima, cavalos, pesca oceânica, festas, textos e manifestações criticando o que julgava errado, tudo acontecia para por à prova seu espírito irrequieto. Pagou muitas vezes caro pelas suas escolhas, mas foi grande oficial na caserna, também dedicado às letras).



*Coronel João Cândido Alves Marinho,
Patrono da Cadeira 6.*

2 - Acadêmico Coronel Marlon Jorge Teza



A IMPORTÂNCIA DA POLÍCIA MILITAR PARA A SOCIEDADE – A INSTITUIÇÃO QUE POSSUI MIL E UMA UTILIDADES.

Há alguns anos atrás, mais precisamente em 1997, elaborei um modesto texto sobre as atividades cotidianas realizadas pela Polícia Militar, denominado “MIL E UMA UTILIDADES”. O texto foi elaborado num daqueles dias em que eu servia numa Unidade Operacional e observei que os policiais militares são chamados por toda sociedade para atender toda e qualquer demanda e após “resolver” o problema, acabam (juntamente com a Instituição Polícia Militar) sem o devido reconhecimento, e mais, muitas vezes são criticados sob a pecha de não terem atendido plenamente aquilo que o “solicitante” esperava.

O texto a que me refiro (abaixo transcrito) serve para reflexão de todos: policiais, autoridade e, principalmente, a sociedade, sobre o que faz no dia-a-dia a instituição Polícia Militar através de seus integrantes: os policiais militares.

Contudo, os leitores devem estar se perguntando: Mas por que somente agora estou republicando um texto elaborado há mais de 15 anos?

Ocorre que cada vez mais a mídia no dia-a-dia tem repercutido casos em que o policial militar e sua instituição não tiveram sucesso em sua ação de polícia e aí ressalta, ela, a mídia, o negativo, dando a entender à sociedade que ele, o policial militar e sua instituição não são importantes para o equilíbrio cotidiano das ações da própria sociedade.

É deprimente verificar policiais militares executando sua atividade, muitas vezes atuando como juiz, padre, pastor, psicólogo,

dentre outros e mesmo assim ser desconsiderado pela mídia e pela própria sociedade da qual eles mesmos fazem parte.

Na verdade ocorre, repito, é a utilização da instituição policial militar objetivando garantir a continuação da vida em sociedade com ordem utilizando-a para “todos” os conflitos sociais sem o devido e necessário reconhecimento da sua importância e imprescindibilidade. Funcionou então mais uma vez a Polícia Militar como instituição com mil e uma utilidades, seja: ela, e seus integrantes possuem “mil e uma utilidades”.

Infelizmente ainda temos um longo caminho a percorrer para que tenhamos uma mudança de comportamento da mídia e da sociedade em geral.

Acompanhe o texto abaixo e reflita:

MIL E UMA UTILIDADES

De quem queremos falar quando nos referimos a “ter mil e uma utilidades”? Obviamente não é sobre a palha de aço utilizada nas lides domésticas, mas sim da Polícia Militar, isso mesmo, de Polícia Militar.

Certa vez a revista VEJA fez um breve comentário a respeito, e agora, quando alguns setores da sociedade criticam, e só criticam, algumas ações da Polícia Militar, achamos oportuno discorrer sobre o título apresentado.

Esses setores da sociedade, da qual também fazemos parte, geralmente somente observam os aspectos puramente negativos que qualquer Instituição possui, ignorando o que a Instituição Policial Militar representa no contexto, não só local, mas regional, Estadual e Nacional. O que queremos concretamente expressar é que hoje, através do telefone 190, ou mesmo pessoalmente, policiais militares atendem diuturnamente toda e qualquer necessidade de socorroimento, bem como outras necessidades do cotidiano do cidadão ou entidades, desde uma simples briga de casais, de transporte de pessoas doentes e/ou feridas, de auxílio a parturientes, de salvamento de pessoas, de incêndios em edificações, de roubos, de acidentes de trânsito, de atentado contra o meio ambiente, de apoio a outros órgãos públicos, de guarda de pessoas legalmente

presas, de policiamento preventivo em espetáculos de lazer ou esportivos, de palestras em estabelecimentos públicos ou privados, até qualquer fato em que num primeiro momento exija a presença de um representante do Estado legal para o encaminhamento inicial do problema em que o cidadão se deparou.

Isso é ter “mil e uma utilidades”, como diz a tradicional publicidade de uma conhecida e já mencionada palha de aço.

Não queremos, porém, ocupar este espaço para dizer que as Polícias Militares no Brasil não devam prestar os serviços mencionados; ao contrário, queremos sim chamar a atenção de todos para refletirem e quiçá concluírem se a sociedade seria hoje sociedade organizada, ou mesmo se funcionaria adequadamente sem a presença e atuação diuturna dos policiais militares junto a essa.

Talvez não existissem: espetáculos esportivos ou de lazer; talvez outros órgãos públicos não conseguissem realizar seu trabalho; talvez os veículos não pudessem circular nas vias públicas; talvez as pessoas não tivessem festas ou áreas de lazer; talvez os criminosos presos estivessem soltos nas ruas praticando mais crimes; talvez a Justiça não conseguisse fazer Justiça; talvez os Governos, em todos os níveis, não conseguissem governar; talvez as leis, nenhuma delas, fossem respeitadas; talvez pessoas não fossem salvas a tempo; talvez pessoas doentes ou feridas não conseguissem chegar aos estabelecimentos de saúde; talvez o meio ambiente não fosse protegido; talvez os cidadãos tivessem seus direitos tolhidos; e com certeza, as cidades seriam mais violentas e as pessoas teriam pior qualidade de vida.

Só clamamos reflexão de todos, e “talvez” um pouco mais de reconhecimento.



2º Tenente Waldemiro Ferraz de Jesus, comandante da primeira seção do Corpo de Bombeiros em 1926 e patrono da Cadeira 7 da Academia.

3 – Acadêmico Coronel Ib Silva



Homenagem aos Policiais Militares mortos em serviço.

Esta cerimônia sempre se revestiu de um caráter sentimental e emotivo, ao relembrarmos aqueles companheiros de farda que morreram a serviço da sociedade que juraram servir e proteger. Nada mais justo e compreensível.

É um momento em que se fala ao coração de cada policial militar, pranteando os que deram o seu bem mais precioso, a sua vida, na defesa do seu ideal de prestar segurança, salvaguarda, proteção, apoio, auxílio emergencial e socorrimento às pessoas e às comunidades desse pedaço de terra barriga-verde.

Parece o óbvio e quantas vezes possam ter sido repetidas nesta cerimônia. Mas ao mesmo tempo em que os homenageamos e choramos suas mortes, devemos refletir sobre diversas circunstâncias que determinaram seus trágicos destinos e propor mudanças.

Não poderemos nunca encarar a morte de um policial militar em serviço como um fato normal de sua carreira, como um risco presumido ou como uma consequência da profissão.

Já se vai longe o pensamento de que o "soldado é superior ao tempo". O cumprimento da missão dar-se-á na justa medida da capacidade de enfrentamento, com mais vantagem no confronto e com maior probabilidade de cumprir a missão

A sustentação psicológica, a motivação pessoal e coletiva, plenas condições de capacitação com aprendizagem, aperfeiçoamento, atualização de conhecimentos e de novas técnicas, na efetiva contrapartida de recursos modernos que lhe facilitem trabalhar ou que lhe exponham menos a riscos à sua integridade física e mental e que lhe ofereçam plenas garantias de segurança à sua vida.

Há que se referenciar a idéia de profissionalismo. Não há mais lugar para improvisações, para atos empíricos, para amadorismos.

Não queremos heróis. Queremos competência profissional.

Com isso nossos policiais militares não morrerão mais em serviço. E esta cerimônia também será coisa do passado.

Por enquanto, vamos reverenciar o mérito daqueles que dedicaram sua existência na construção de um mundo melhor, gravando em nossas mentes a imagem de uma pessoa que deu um sentido à sua vida, lutando por seu ideal e pelos compromissos jurados e assumidos.

Esta Policia Militar a quem eles, eu e tantos outros, milicianos ou não, aprendemos a amar e a quem dedicamos a maior parte de nossas vidas e os melhores anos de nossas existências, muitas vezes relegando obrigações com a esposa, a família, cuidados com a saúde, vontades pessoais ou particulares. Um verdadeiro ideal de vida.

E faríamos tudo de novo, sem precisar morrer.

Aí, então, poderemos olhar lá fora uma sociedade desenvolvida, progressista, livre, e ter a certeza de que nós contribuímos decisivamente para isto.

Vale a pena lutar em busca do que é perfeito, do que é bom, do que é justo, do que é honrado, do que é digno, moral e ético.

Aos nossos policiais mortos em serviço podemos dizer que a Polícia Militar e a sociedade catarinense lhes devem todo o respeito, a estima e a consideração que puderem lhes ser prestados. Além de propiciar aos familiares que eles deixaram, principalmente às viúvas e filhos órfãos, todo o atendimento que necessitarem e de que são merecedores.

Aí, então, poderemos dizer que suas vidas valeram a pena e que suas mortes não foram em vão. (06 de maio de 2009)



Coronel Ruy Stockler de Souza, patrono da Cadeira 11 da Academia, em 1932, como 2º Tenente. Foto do livro “Do laço húngaro às estrelas”, de seu filho Coronel Carlos Hugo de Souza, também patrono da Academia (Cadeira 15).

4 – Acadêmico Coronel Álvaro Maus

Lobo do mar - a história de uma embarcação.



Os lobos são animais acostumados a sobreviver em condições extremas. Seja em estepes geladas, cobertas de neve, seja na abrasadora imensidão dos desertos. Vivem e sobrevivem por conta da sua tenacidade, astúcia e sagacidade e porque conhecem bem o território que habitam.

É por isso que a palavra tem sido utilizada para designar aqueles que em suas profissões são reconhecidos por sua vasta experiência. Característica muito própria das profissões ligadas ao mar, onde a expressão “lobo do mar” é lugar comum, denominação conferida àqueles que por sua tenacidade, astúcia e sagacidade, já enfrentaram e, em condições adversas, sobreviveram à fúria das águas.

São efetivamente “Lobos do mar”, aqueles que perscrutando a linha das ondulações e ouvindo os ruídos das rebentações, desvendando o mapa irregular e inconstante das águas, abrem caminhos possíveis, onde pareciam não existir, conduzindo a porto seguro quem lá precisava chegar. Não seria demais afirmar que os “Lobos do mar”, verdadeiramente, conversam com os oceanos.

Os Bombeiros do Grupamento de Busca e Salvamento do Corpo de Bombeiros integram o rol desses profissionais. Desenvolvendo atividades essencialmente ligadas ao mar, acabam seus integrantes desenvolvendo tal relação de afinidade com esse meio, que à semelhança dos navegantes, acabam todos, com o passar do tempo, se transformando em verdadeiros lobos do mar.

O nome desta embarcação é, portanto, uma homenagem a todos os profissionais que já passaram e ainda haverão de passar pelo Grupamento de Busca e Salvamento.

É também ao mesmo tempo, uma homenagem, a ela própria, por que também ela, a exemplo dos lobos, sobreviveu a situações extremas ao longo da sua história conforme segue narrado.

Foi construída para ser mais uma entre tantas, pelos idos dos anos 80. Consta que depois de construída permaneceu abandonada no estaleiro por alguns anos. Não teria sido aceita por quem a teria encomendado. Mas ela tinha estrela e um destino todo especial. No início da década de 90, tornou-se diferente e especial quando fundeu junto ao atracadouro do Grupamento de Busca e Salvamento.

Nos laços da primeira amarra, as primeiras sensações de que algo muito definitivo estava acontecendo. Envaideceu-se com as primeiras novas cores, mas sentiu-se pequena quando em seu costado foi inserida a inscrição BOMBEIROS. Sentiu-se melhor quando passou a ser tratada por mãos experientes que aos poucos foram se lhe afeiçoando dando-lhe a segurança necessária para passar a navegar com desenvoltura e garbo. E então o nome ao costado que antes parecia ser um peso passou a lhe emprestar forças que nunca soube que tinha. Forças que se acentuaram e se multiplicaram pelos braços dos que a conduziram, para as primeiras missões. Ganha designação e número: LTP 02, Lancha de Transporte de Pessoal. E logo a rotina se estabelece, e com ela também afinidades mútuas, coisas próprias de navegantes e de suas embarcações.

Passou o tempo.

Navegaram juntos por quase uma década. A cada missão, a cada embate, novas cicatrizes juntaram-se às primeiras surgidas pela própria idade. A velha embarcação parecia estar cansada.

Em dezembro de 2001 é recolhida ao estaleiro. Não mais tendo por berço as águas do oceano, adoece de vez. Dor maior, porém, ainda estaria por vir. O diagnóstico da avaliação condena o casco e os custos orçados, de uma reforma completa, junto a uma empresa terceirizada, acaba recomendando a sua descarga. O processo se inicia em junho de 2002. A documentação é encaminhada.

O motor e o sonar são retirados para reaproveitamento. Mutilada, reduzida a um espetro de embarcação, permanece ali, no berço frio do trapiche durante dois longos anos.

Tão abandonada e esquecida foi deixada que até do próprio processo de descarga se esqueceu. Parece que ela mesma assim silenciou, como de resto tantos outros camaradas seus, como uma última tentativa de que o próprio esquecimento, pudesse, que nem aos naufragos, lhe assegurar o tempo necessário de sobrevida que permitisse alcançar um tempo, feito terra firme, aonde sua salvação viesse a ser possível.

E isso aconteceu em meados de outubro de 2003. Um punhado de bravos decide provar o contrário do que havia sido estabelecido como verdade absoluta. Provar que aquele diagnóstico foi precipitado e que as conclusões, assim como as decisões, foram equivocadas.

A velha embarcação poderia sim voltar a singrar os mares. Ultrapassada até poderia ser considerada, se comparada com o que possa existir de mais moderno por aí. Mas a necessidade de se possuir embarcações mais modernas e ágeis, em nada diminuiria a importância e a utilidade da velha embarcação.

A viabilidade econômica da reforma necessária foi alcançada pela decisão de se fazer a reforma no próprio estaleiro com mão de obra própria.

E era preciso que fosse assim. Era preciso que a velha embarcação fosse tratada por quem a conhecesse. Que fosse tratada da mesma forma como um filho deve tratar um pai em sua velhice. Colocada em um estaleiro estranho não teria a recuperação que teve. Era preciso que as mãos que fossem operar a reforma fossem mãos que já a conhecessem, mãos que já a conduziram por tantas e tantas jornadas. Que fosse operada por mãos conduzidas por olhos que visualizassem em cada ponto de reparo um ferimento de combate localizado no tempo e no espaço. Porque os reparos, assim como os ferimentos, quando tratados com carinho, dedicação e emoção, cicatrizam melhor, deixando até mais resistente o que já era forte, ainda mais bonito o que já era belo, e muito mais nosso o que sempre nos pertenceu.

Assim não fosse, não retornaria a singrar os mares com o mesmo garbo, não reluziriam tanto as suas cores, não tremulariam tanto as suas flâmulas, não voltaria a ser conduzida e tratada com o mesmo carinho e zelo e, principalmente, não faria brotar nos corações dos operadores deste feito e também nos nossos, tamanho orgulho e satisfação por um trabalho realizado em nome de todos os Bombeiros Militares do Estado.

A equipe, antes um tanto dispersa, sob novo comando, se reagrupou em torno de velhos ideais, decidiu recuperar a velha embarcação e decidiu fazê-lo com as próprias mãos. Por que ao fazê-lo, sabiam que estariam recuperando bem mais do que ela própria. Estariam recuperando parte da auto-estima, do sentido de equipe, do espírito de corpo. Estariam tratando de cuidar também da alma, tanto deles quanto dela própria, pois para os velhos lobos do mar as embarcações também têm alma. Tanto as tem que mesmo quando partem para os estaleiros do além, suas almas continuam navegando com eles. É como haverá de ser um dia o destino dessa velha embarcação. Haverá de navegar eternamente nas lembranças dos velhos e dos novos Lobos do Mar. Mas enquanto esse dia não chegar, ela continuará conosco, mais nossa do que nunca.

E foi assim que, sobrevivendo às intempéries da vida, chegou ao dia 20 de janeiro de 2004, restaurada. E numa belíssima manhã de verão voltou a singrar os mares, tendo oficialmente recebido o nome de LOBO DO MAR.

(Escrito em 20 de janeiro de 2004, quando então Tenente Coronel Comandante do 1º Batalhão de Bombeiro Militar sediado em Florianópolis).

*Os livros não mudam o mundo.
Quem muda o mundo são as pessoas.
Os livros só mudam as pessoas.*

*Os maiores analfabetos são os que
aprenderam a ler e não leem.*



Mário Quintana

5 – Acadêmico Coronel Onir Mocellin



Onde está o gargalo da Segurança Pública?

Em 2001, no Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais (CAO), com especialização em Segurança Pública, discutíamos, durante as aulas, onde estava o gargalo da Segurança Pública. Naquela época, chegamos à conclusão que um dos principais problemas era a falta de vagas no sistema carcerário brasileiro. O número de presos era quase o dobro do número de vagas existentes e o número de mandados de prisões a serem cumpridos, era o mesmo do número de presos. Portanto, somente para atender a demanda já existente, seria necessário aumentar em quase quatro vezes o número de vagas no sistema prisional brasileiro.

Segundo dados do Ministério da Justiça¹, em Dezembro de 2001 havia no Brasil, incluindo as cadeias públicas, as casas do albergado, as colônias agrícolas, os hospitais de custódia e as penitenciárias, 895 estabelecimentos penais, com 141.297 vagas, para um total de 233.859 presos (1,65 presos por vaga), correspondente a 139,2 presos por cem mil habitantes.

Em Dezembro de 2012 o número de estabelecimentos penais era de 1.478, com 310.687 de vagas, para um total de 548.003 presos (1,76 presos por vaga), correspondente a 287,31 presos por cem mil habitantes.

Percebe-se que, embora o Brasil, nos últimos onze anos, tenha aumentado em dois terços o número de estabelecimentos penais, e mais que dobrou o número de vagas, a situação está pior do que em 2001, pois a superlotação aumentou e o número de mandados de prisões a serem cumpridos se aproxima do número de presos, continuando ainda, com um déficit próximo a 800 mil vagas apenas para resolver o problema da superlotação e para cumprir os mandados de prisões; sem considerarmos as novas prisões (nos

últimos anos está em torno de 30 mil por ano). 1 – Disponível (http://portal.mj.gov.br/data/Pages/MJC4D50_EDBPTBRNN.htm).

Apenas para o Estado de São Paulo atender a demanda dos novos presos, seria necessário construir uma penitenciária com 500 vagas por mês. Se considerarmos que o custo de um preso, que gira em torno de dois mil reais mensais e que para ser criada uma nova vaga no sistema carcerário são necessários trinta mil reais, demandaria um custo anual de mais de 324 milhões de reais apenas para atender a demanda do Estado de São Paulo. Se considerarmos para todo o Brasil, este número saltaria para um custo anual de mais de um bilhão e seiscentos milhões de reais.

Embora os governos tenham envidado esforços para tentar resolver a demanda de vagas no sistema carcerário, aumentando em mais de cinco vezes o número de vagas e de presos nas duas últimas décadas (em 1990 havia noventa mil presos no Brasil), os problemas das superlotações e as demandas das prisões a serem cumpridas não foram resolvidos, pelo contrário, até se agravou. Portanto, temos que admitir que o sistema carcerário brasileiro está entrando em colapso, principalmente pela enorme reincidência, visto que, de acordo com os dados do Ministério da Justiça, após o cumprimento da pena, 70% dos presos retornam para a prisão, por voltarem a delinquir, comprovando que o sistema carcerário é ineficiente também quando se trata da ressocialização do preso.

Não tenho dúvida que a principal causa da criminalidade no Brasil, é a certeza – ou quase certeza – da impunidade. Devido às superlotações das prisões, somente crimes de maior gravidade acabam efetivamente punidos com prisão; ainda, a legislação penal brasileira não contempla uma política institucionalizada de penas alternativas, que efetivamente faça o infrator ter certeza de que o crime não compensa, e que toda infração tenha, de uma forma ou de outra, uma punição efetiva, que não seja apenas uma “admoestação verbal” aplicada pelo juiz.

Nem todo crime necessita efetivamente ser punido com prisão. Existem inúmeras formas de uma pena ser cumprida que não seja o cárcere privado. Apenas para citar alguns exemplos, muitas rodovias poderiam ser construídas e muitas escolas poderiam ser

reformadas com o serviço braçal dos apenados. Infelizmente, o que mais se observa é que a pena alternativa é simplesmente a entrega de algumas cestas básicas ou a realização de algum trabalho em instituição filantrópica, o que não faz o delinquente arrepender-se do crime cometido.

Entendo que nenhum preso deveria cumprir a pena sem trabalho. Todo apenado deveria custear suas despesas e não ser um fardo para a sociedade. Temos vários exemplos positivos, na qual o trabalho do preso no próprio estabelecimento penal ou o trabalho como pena alternativa mostrou-se muito eficiente na sua ressocialização e na desoneração do Estado. Porém muito ainda há de ser feito, pois, em Dezembro de 2012, havia no Brasil, 90.824 presos trabalhando, correspondendo a apenas 16,57 % do total.

Portanto, para amenizarmos o problema da superlotação do sistema carcerário e para que haja uma efetiva ressocialização do preso, políticas públicas sérias e concretas devem ser tomadas, tanto na construção de estabelecimentos penais que possibilitem o trabalho do apenado, como na aplicação de penas alternativas que surtam efeitos concretos, reduzindo os custos do preso para o Estado e aumentando a ressocialização. Que os exemplos positivos passem a ser a regra e não a exceção.



Ildefonso Juvenal da Silva quando 2º Tenente em 1935. Patrono da Cadeira 8 da Academia.

6 -Acadêmico Tenente Coronel Fredolino Antônio David.

GAFES EM EVENTOS SOLENES



As gafes em eventos solenes são mais comuns do que muitos supõem, e vêm de quem menos se espera: autoridades e organizadores de eventos. As gafes cometidas por autoridades, muitas vezes induzem o público a aceitar

tais procedimentos como normais e corretos.

Das gafes destaco duas bastante comuns: a “representação de autoridades” e a outra é a prática de durante e execução do Hino Nacional “voltar-se na direção da Bandeira Nacional”.

Representação: Em recente evento da Academia de Letras dos Militares Estaduais em Blumenau, evento que integrava as comemorações de aniversário da Polícia Militar, presentes diversos oficiais superiores, inclusive o Coronel Comandante Geral do Corpo de Bombeiros Militar e o Coronel Comandante da 7^a Região PM (representando o Comandante Geral da Polícia Militar), os Comandantes do 3º BBM e do 10º BPM, fizeram-se representar por Aspirantes-a-Oficial. Além de tremenda gafe é no mínimo uma descortesia para com uma autoridade da cadeia de comando à qual estão subordinados. O Decreto nº 70.274/72, que regula as Normas do Cerimonial Público, dedica dois artigos (17 e 18) e dois parágrafos ao assunto. A partir destes dispositivos legais, foram estabelecidas doutrinas que servem de parâmetro para orientar a representação de autoridades.

Nenhum convidado poderá fazer-se representar nas cerimônias a que comparecer o Presidente da República, disciplina a legislação acima. Por analogia e hermenêutica, nos Estados nenhuma autoridade estadual e municipal poderá fazer-se representar nas cerimônias a que comparecer o Governador do Estado, exceto os Presidentes dos Poderes Legislativo e Judiciário estadual, que poderão fazer-se representar por um de seus membros.

Da mesma forma nenhuma autoridade municipal poderá fazer-se representar, nas cerimônias a que comparecer o Prefeito Municipal,

exceto o Presidente da Câmara Municipal que poderá fazer-se representar por um dos vereadores.

Nenhum Diretor ou Comandante de OPM ou OBM poderá fazer-se representar com a presença do Comandante Geral, e assim sucessivamente; isso não quer dizer que os integrantes das organizações não possam comparecer ou serem designados a comparecer; não podem é representar o Diretor ou Comandante.

Ao receber convite para um evento, a autoridade convidada deverá avaliar da conveniência ou não de fazer-se representar. Muitas vezes é mais elegante uma carta ou um telefonema de desculpas pelo não comparecimento do que designar um representante qualquer, principalmente se o convite vem de autoridade de igual ou maior precedência.

O Hino Nacional nas solenidades: A nossa Carta Magna prescreve que o Hino Nacional, juntamente com a Bandeira, as Armas e o Selo, são símbolos que representam a nação brasileira. Os símbolos nacionais são pares, não há precedência e nem hierarquia entre eles; todos, isoladamente ou em conjunto são símbolos da nação, expressando o espírito cívico dos brasileiros.

Uma das gafes surgida não se sabe de onde e nem como, “é voltar-se em qualquer circunstância, (autoridades e público) na direção da Bandeira Nacional por ocasião da execução do Hino Nacional”. Essa prática, além de não encontrar respaldo legal, sugere que a Bandeira Nacional é mais importante que o Hino Nacional e, portanto, tem precedência sobre este.

A legislação determina que o Hino Nacional seja executado em continência à Bandeira Nacional, por ocasião de seu hasteamento ou arriamento, e só nestas ocasiões nos voltamos na direção da Bandeira Nacional, pois a reverência é para a Bandeira Nacional. Nos demais casos a reverência é ao Hino Nacional.

A Lei nº. 5.700, de 1º de setembro de 1971, complementada pelo RCONT (Regulamento de Continências e Cerimonial Militar), disciplinam o uso dos símbolos nacionais, com especial atenção para a Bandeira Nacional e o Hino Nacional.

O Hino Nacional pode ser executado por banda de música, (civil ou militar), orquestra, coral, cantor (es), gravação, etc., com canto ou

não de todos os presentes, conforme previsto no ceremonial do evento.

Conciliando-se a legislação, a doutrina, as normas protocolares e as práticas ceremonialísticas, seguem pequenos lembretes que podem ser úteis na administração da polêmica em questão:

1. Quando o Hino Nacional for executado em continência à Bandeira Nacional (caso do hasteamento) todos se voltam na direção da Bandeira Nacional;

2. Quando o Hino Nacional for executado em cerimônia realizada em ambiente aberto ou assim considerado, sem o hasteamento da Bandeira Nacional, todos se voltam para a direção de onde vem a música;

3. Quando o Hino Nacional for executado em cerimônia realizada em ambiente fechado todos se voltam para o principal ponto da cerimônia. Ninguém se volta para dispositivos de bandeiras, banda de música, coral ou cantor;

4. Em hipótese nenhuma os componentes do local de destaque (ex: mesa de honra) dão as costas ao público voltando-se para a Bandeira Nacional durante a execução do Hino Nacional;

5. Nas cerimônias religiosas, em que for executado o Hino Nacional, todos permanecem em atitude de respeito, levantando-se os que estiverem sentados;

Resumindo: o Hino Nacional será executado em honra à Bandeira Nacional, somente nas cerimônias em ambientes abertos ou assim considerados e mesmo assim só quando houver hasteamento ou arriamento. Os textos legais, muito técnicos, redigidos juridicamente e em linguagem heráldica, são de difícil compreensão para a maioria dos brasileiros. Populares em suas manifestações cívicas, não usarem os símbolos nacionais na forma da lei é compreensível. Não se pode aceitar o mesmo de autoridades, militares e ceremonialistas.

O Ten Cel David, Diretor de Cultura e Eventos da Academia, é também Diretor de Ensino, Pesquisa e Extensão do Comitê Nacional de Cerimonial e Protocolo.

REGISTROS



Coronel Carlos Hugo de Souza entre os coronéis Edmundo (esq.) e Roberto, no lançamento de seu livro “Do laço húngaro às estrelas”, na Praia Brava, em Itajaí, a 02 de setembro de 2011. Cel Hugo, filho do Cel Ruy Stockler de Souza, faleceu em 04 de fevereiro de 2012 e é patrono da Cadeira 15 da Academia.



Foto histórica de 1970: o capitão Roberto Kell, regente da Banda de Música da PM, hoje patrono da Cadeira 16 da Academia. Ao lado o sargento músico Walfredo Raymundo Pinho, que anos mais tarde, como oficial, seria também o regente do Piano Catarinense.

Sessão solene de 10 de Maio de 2013 em Blumenau.



Tenente coronel David, Cerimonial, e Major Tasca proferindo a sua oração acadêmica. Mesa (esq p/ dir): Escritora Terezinha Manczak, da Sociedade de Escritores de Blumenau; Escritora Dorothy de Brito Steil, Presidente da Academia Blumenauense de Letras; Sílvio Zimermann Neto, Presidente da Fundação de Cultura do município; Coronel Roberto; Coronel Marcos; Coronel Álvaro Luís Alves, Cmt da 7ª Região Policial Militar; Jornalista Cristiane Soethe Zimermann, Presidente da Associação de Imprensa do Médio Vale do Itajaí e tenente coronel Bornhofen.



Tenente coronel Bornhofen, Sra. Dorothy de Brito Steil, Major Edenice, Sra. Terezinha Manczak e Iratan Curvello, marido de nossa querida confrereira, que nos honrou com sua presença ao evento.



Dr. Sílvio Zimermann Neto, presidente da Fundação Cultural de Blumenau, ladeado pelos acadêmicos Coronel Oliveira e Cel Mocellin.



Acadêmicos: Cap Schelavin, Tenente Coronel Mocellin, Major Menezes, Tenente Coronel Vitovski, Coronel Ib, Major Edenice e Major Tasca. Atrás o Tenente Coronel Martinez.

Mensagem da Presidente da Academia Blumenauense de Letras:
*Num dia frio, comum como outros tantos, que rolam no Vale,
 Algo aportou.*

*E foi no mesmo ponto, em que o primeiro pousou
 Sua esperança.*

*Foram os senhores, que cruzando os caminhos, trouxeram o que
 de mais valioso se pode comungar:*

O inefável que guardam num dos cômodos do coração.

Este pomo de luz, chamamos AMIZADE.

Agradeço e retribuo o carinho de suas presenças.

*Este CÉU blumenauense está sempre aberto: Ele é SEU maior
 triunfo.*

Um abraço.

Escritora e poetisa Dorothy de Brito Steil – Presidente da ABL.



O Presidente da Academia de Letras dos Militares e a Presidente da Academia Blumenauense de Letras.



Tenente Coronel Paulo Roberto Bornhofen fazendo o panegírico de seu patrono, Coronel Cantídio Quintino Régis. Ele também é membro da Academia Blumenauense de Letras e seu tesoureiro.



16-05 — 20 horas — ABVO, Trindade — Lançamento do livro **Vida de Caserna** (biografia do Coronel Francisco Antônio da Silva). Major Menezes, Coronel Ortiga (presidente da Associação Tenente Coronel Elói Mendes dos Oficiais da Reserva), coronel Álvaro Maus e coronel Mocellin. Foto da direita: o autor do livro com o coronel Edmundo.



18-6 — 20 horas. Em cerimônia conjunta da Câmara Municipal de Palhoça, a Academia de Letras de Palhoça premiou escritores com destaque no universo literário da região da grande Florianópolis. O Presidente da Academia foi agraciado com o diploma acima, e agradece àquela entidade a gentil lembrança. Presentes os presidentes das Academias Desterrense, São José, Alcantarense, Nova Trento, de Letras do Brasil seccional Palhoça e Santo Amaro.

Condecorações da Academia em 2013:

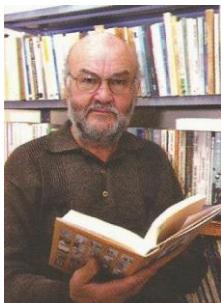


Primeira Medalha de Mérito Academia de Letras dos Militares Estaduais de Santa Catarina. Condecoração anual concedida na sessão solene de aniversário da entidade em Outubro, a personalidade destacada da literatura catarinense. Este ano o agraciado foi o escritor e poeta **Artemio Zanon**, Cadeira 37 da Academia Catarinense de Letras, presidente da Academia São José de Letras e diretor geral da Academia Desterrense de Letras.

Título Honorífico Amigo da Academia de Letras dos Militares Estaduais de Santa Catarina, para duas personalidades ou entidades que tenham auxiliado de forma efetiva a Academia. Concedido em Outubro deste ano às entidades:

ABVO — Associação Barriga Verde dos Oficiais Militares Estaduais. Presidente Coronel PM Rogério Martins.

ACORS — Associação Capitão Osmar Romão da Silva. Presidente Coronel RR Fred Harry Schauffert.



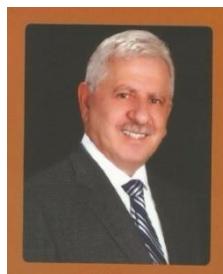
Dr. Artemio Zanon



Cel Schauffert e Cel Rogério

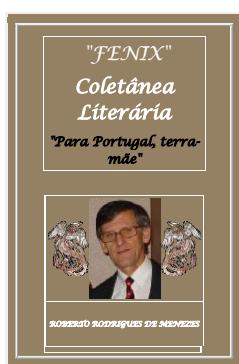
LIVROS DE ACADÉMICOS

*“O vento não sabe ler.
Senão ele seria
o primeiro a ler
meus segredos que evolam,
qual perfume, qual incenso.
Se ele soubesse ler
não haveria segredo
no recôndito de meus desejos”*
(Alvorecer de um sonho)



Augusto Barbosa Coura Neto

Vida de caserna (biografia do coronel Francisco Antônio da Silva), lançado em 16-5-13 na Associação Barriga Verde dos Oficiais Militares Estaduais, vinte horas, na Trindade. Importante obra do major Secretário da Academia, José Geraldo Rodrigues de Menezes, que resgata a trajetória honrada e meritória de um grande oficial que nos deixou prematuramente aos 53 anos, já na Reserva. A família do coronel Francisco esteve presente ao lançamento. Um dos seus filhos, André, é major da Polícia Militar. Parabéns ao autor, que engrandece a Academia com seu livro. Editora Insular.



Para Portugal, Terra-mãe — obra de Roberto Rodrigues de Menezes — Junho de 2013 — Coletânea Literária Eletrônica da Fênix Editora, Lisboa, Portugal, com 17 poemas esparsos, 4 poetizações de obras da literatura universal (Nicolau Maquiavel, Giovanni Boccaccio) e 20 sonetos.

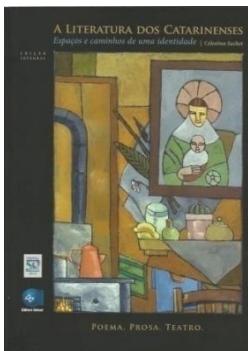
(www.carmovasconcelos-fenix.org).

Coordenado pelos Escritores portugueses Maria do Carmo Vasconcelos e Henrique Lacerda Ramalho.



Castelo Púrpura — obra dada a conhecer nas Academias de Letras da grande Florianópolis em Outubro de 2013 - Tomo segundo da Trilogia Castelos de métricas e rimas, de Roberto Rodrigues de Menezes. Editora Papalivro. O livro tem em sua primeira parte 26 poemas esparsos com metrificação variada, incluindo duas poetizações de obras da literatura universal (O Príncipe de Maquiavel e A barca do inferno de Gil Vicente) e poetização de três óperas de Richard Wagner (Tristão e Isolda, O holandês errante e O cavaleiro sem nome). Na segunda parte 22 Sonetos e na terceira, ensaio literário sobre Rima e Métrica.

Obra recomendada para os acadêmicos:



A literatura dos catarinenses (Espaços e caminhos de uma identidade). Poema, prosa e teatro. Editora Unisul.

Do professor e escritor CELESTINO SACHET, da Academia Catarinense de Letras.

É um amplo e completo painel da literatura produzida pelos catarinenses.



*Jerônimo Francisco Coelho
Patrono da Cadeira 21
Gravura de esboço biográfico (revista), de
Eleutério Nicolau da Conceição.*

Acadêmicos que tomam posse em 10 de outubro de 2013:**Cadeira 14**

Coronel Giovani de Paula, da Reserva Remunerada da PMSC.

Patrono: Coronel Theseu Domingos Muniz.

**Cadeira 16**

Tenente Coronel Marcello Martinez Hipólito, Comandante do 12º Batalhão de Polícia Militar de Balneário Camboriú.

Patrono: Coronel Roberto Kell.

**Cadeira 20**

Tenente Coronel José Luiz Gonçalves da Silveira, Comandante do 14º Batalhão de Polícia Militar de Jaraguá do Sul.

Patrono: Desembargador José Arthur Boiteux.

**Cadeira 21**

Soldado Edson Rosa Gomes da Silva, da Secretaria de Segurança Pública, Florianópolis.

Patrono: Jerônimo Coelho.